

Desenvolvimento Econômico e Identidade cultural na sociedade capitalista global: Uma interpretação a partir da contribuição de Celso Furtado

Alex Hotz Moret¹

Felipe Oliveira Vitoreli²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a contribuição crítica de Celso Furtado para a teoria do desenvolvimento econômico a partir de uma perspectiva cultural. Inicialmente discute-se a ideia dos entraves do subdesenvolvimento a partir da perspectiva teórica do desenvolvimento econômico e seus fatores históricos. Isso posto, parte-se da ideia de relacionar a contribuição da cultura com processo de desenvolvimento econômico e demonstrar na história econômica o papel que a criatividade exerceu no processo de acumulação capitalista. Nesse contexto, apresenta-se o papel das transnacionais no processo de homogeneização dos padrões de consumo e nas interferências externas nas políticas econômicas dos países periféricos, que reafirma a dependência dos países subdesenvolvidos. Além disso, busca-se evidenciar na teoria Furtadiana a importância da criatividade e afirmação da identidade nacional para promover o potencial criativo da sociedade e contribuir para a superação do subdesenvolvimento. Por fim, contextualizamos a discussão considerando o atual cenário econômico global justamente no momento em que verificamos um considerável avanço do neoliberalismo e da padronização do consumo global acompanhado da promoção dos valores conservadores que negam a diversidade cultural e restringem as liberdades criativas individuais assim como o espaço de atuação do Estado como agente promotor do desenvolvimento e do bem estar social.

Palavras-chave: Desenvolvimento Econômico, Cultura, Educação e Identidade Cultural e Celso Furtado.

¹ Economista, Mestre em Economia Política pela PUC-SP e professor do curso de Ciências Econômicas da FMU/SP

² Graduando no curso de Ciências Econômicas da FMU/SP.

INTRODUÇÃO

Atualmente no conjunto da sociedade global existe um avanço das forças conservadoras, inerentemente se tratando do campo político os principais países do ocidente têm sido cooptados e dirigidos por agendas econômicas não somente de uma ortodoxia neoliberal, como também por um forte apelo a derrocada de direitos trabalhistas, a liberdade da criatividade e um nacional populismo conservador. Não distante desse cenário, o Brasil se encontra alinhado com essas perspectivas embora sua posição na divisão internacional do trabalho ainda seja como um país subdesenvolvido.

O subdesenvolvimento é mais do que uma categoria econômica, é uma dinâmica de um processo de evolução do capitalismo global, porém diferentemente de uma condição de etapa, ela é consequência. O subdesenvolvimento se apresenta principalmente no eixo cultural em uma dualidade: a primeira delas está na perspectiva de sua identidade nacional fragilizada e da negação da produção endógena em todas as esferas; a segunda que deriva da primeira está na relação de tentativa de saída do subdesenvolvimento pela ótica dos países desenvolvidos, apoiando-se nas teorias do desenvolvimento econômico que explicam em essência esses países. Em síntese, ao tentarmos saídas que não nos representa em sua totalidade, estaremos fadados a estar parados na evolução enquanto sociedade.

Para que possamos pensar em desenvolvimento econômico para os países periféricos naturalmente é preciso constituir uma teoria econômica que observe as contradições do processo histórico não somente econômico, mas também das relações sociais. A partir dessa perspectiva de análise, surge naturalmente o nome de uma figura como Celso Furtado, que para além de um grande intérprete da formação econômica brasileira, foi também formulador de um grande pensamento crítico para a economia política latino-americana, sempre jogando luz ao debate, não somente econômico, pois o autor conhecia os entraves do subdesenvolvimento e a eles dava um diagnóstico não somente econômico.

A partir da contribuição de Celso Furtado, este trabalho tem por objetivo utilizar-se de ferramental teórico Furtadiano para demonstrar em linhas gerais as perspectivas do autor com vistas do entendimento do papel da cultura no desenvolvimento econômico para os chamados países subdesenvolvidos. A escolha do autor como referencial teórico para este trabalho, se dá ao fato de que para além de um intelectual no campo da produção teórica, está a perspectiva de um autor que atuou politicamente articulando-se para além de um debate na academia sendo um teórico de ação.

Celso Furtado nasceu no alto do sertão Paraibano, graduou-se em Direito e posteriormente doutorou-se em economia na universidade de Sorbonne na França e a partir de 1949 integrou a recém-criada comissão econômica para assuntos latino-americanos (CEPAL), sendo conjuntamente com Raul Prebisch um dos principais teóricos da compreensão socioeconômica latino-americana, formando

o que viria a se chamar escola cepalina de pensamento. A multidisciplinaridade teórica de Celso Furtado acabou por lhe fazer ser influenciado não somente por pensadores estritamente econômicos como Keynes, Perroux, Schumpeter e Prebisch, mas também por autores como Weber e Mannheim e isso permitiu ao autor fazer uma intensa investigação não somente por uma ótica economicista, mas também cultural que para ele seria determinante para engendrar o que ele denominou como “dependência da civilização industrial”, que se caracteriza como o grande entrave do subdesenvolvimento da periferia do capitalismo.

Este trabalho está subdividido em quatro linhas de trabalho dentro da contribuição crítica de Celso Furtado, inicialmente Furtado demonstra a característica clássica do desenvolvimento econômico está em entender a fragilidade da acumulação de capital e a não absorção qualitativa da mão-de-obra em produtividade, que poderíamos denominar com entraves do subdesenvolvimento. A estrutura se contextualiza em duas estruturas econômicas distintas do capitalismo moderno, uma das quais se encontram os países centrais que seriam o eixo de forte acumulação prévia de capital que se invertia em inovações tecnológicas e outro está os chamados países periféricos que neste sistema econômico seriam provedores de matérias-primas e bens agrícolas. A partir dessa contextualização, a influência *keynesiana* do pós-guerra colocava que a atuação de um Estado poderia ser determinante para buscar o desenvolvimento econômico. Necessariamente essa tese se consolida através da insuficiência da acumulação prévia de capital pelos países periféricos que é corroborada com a ausência de uma burguesia nacional que se consolidou através da concentração de renda.

O arcabouço teórico formulado pelos teóricos cepalinos passou a representar forte influência nos centros de estudos econômicos, pois sua formulação iria de encontro com a realidade latino-americana e possuíam uma característica endógena para a consolidação no capitalismo moderno. De fato, essa consolidação de ideias gerou graves embates com os países desenvolvidos e podemos interpretar a forte influência destes na desestabilização sócio-política destas estruturas.

A partir disso no segundo direcionamento teórico desse artigo está no destaque que o autor coloca na caracterização da criatividade a serviço da técnica. Para Furtado, o que distinguia o capitalismo dos outros sistemas econômicos era o papel que a criatividade exerceria nas relações de produção. Neste exercício teórico proposto há uma consolidação com as ideias de Schumpeter que se caracteriza com a ideia da inovação, da criatividade como resultado da consolidação e do avanço do mundo capitalista.

Isso posto, o terceiro trecho demonstra a consolidação de uma dominação-dependência do ponto de vista cultural que fazia com que os países de centro exercem uma influência no *modus vivendi* das estruturas periféricas. Essa dominação se propagava pela articulação do que Furtado denominou com o movimento de transnacionalização da grande empresa capitalista que por tendência detém uma formação de capital oligopolista. Estas empresas consolidadas na sociedade capitalista

exerceriam uma forte influência na homogeneização dos padrões de consumo da sociedade e isso culminava com cada vez mais uma forte concentração de renda dos grupos minoritários nas periferias para reproduzir a vida moderna. Essa ideia se consolidou para Celso Furtado que passou a investigar como a chamada grande empresa de fato se tornou essa superestrutura e também buscou investigar a característica de formação daquilo que chamou de civilização industrial.

Na quarta parte insere-se a ideia de que para Furtado, o estímulo do potencial criativo de uma sociedade é uma das chaves para se consolidar o desenvolvimento econômico e a superação do que denominou de subdesenvolvimento cultural-criativo, pois somente a criatividade seria capaz de inovar na busca de saídas para o desenvolvimento assim como a afirmação da identidade nacional para negar a dependência cultural do subdesenvolvimento. A partir dessa afirmação, Celso Furtado reafirma a importância do Estado atuando, não somente como promotor de política econômica, mas também com políticas públicas que para além de estimular a criatividade da sociedade, reafirmem a importância da identidade nacional. Na concepção de uma política pública central para o desenvolvimento, podemos citar a importância da universidade enquanto espaço de criação e estímulo da criatividade. Como na revisão histórica realizada por Furtado, de fato a criatividade foi quem proporcionou a consolidação e expansão do capitalismo enquanto sistema econômico. A partir disso, a universidade precisa estar no centro do debate enquanto política pública de emancipação da dependência.

Em síntese esse artigo se divide em três momentos, o primeiro deles está relacionado em entender, à partir da análise de Celso Furtado, os entraves do subdesenvolvimento e as limitações da teoria econômica convencional para os países periféricos, a partir disso relacionar o papel da cultura com o desenvolvimento e seus desdobramentos históricos na formação da chamada grande empresa transnacional que vai refletir na concepção cultural dos países do centro do capitalismo, nas alterações do padrão de consumo assim como no processo de decisão de políticas internas dos países periféricos.

Por fim, este artigo pretende relacionar a contribuição teórica de Furtado ao atual contexto capitalista global, discutindo a influência exercida pelo avanço das ideias neoliberais, juntamente com o retrocesso conservador verificado nos últimos anos, no processo de reafirmação do subdesenvolvimento e negação da identidade cultural nas sociedades periféricas.

- Entraves do subdesenvolvimento e seus fatores históricos

O estudo relativo ao processo de desenvolvimento econômico em uma sociedade capitalista possui diversas abordagens e contribuições que acompanham a evolução da própria ciência econômica. Vários autores contribuíram para o entendimento do desenvolvimento capitalista relacionando os fatores que permitiram a acumulação de capital, lucratividade e apropriação de

excedente, expansão de mercados, modernização produtiva, inovações e tecnologia. Ainda assim, o processo de desenvolvimento capitalista não pode ser compreendido completamente sem considerar as especificidades das economias periféricas, que tiveram um processo de crescimento historicamente diferente das economias centrais tendo como resultado a formação de uma estrutura econômica diferenciada que subordinam estes países periféricos na esfera econômica global. Neste sentido, Celso Furtado ofereceu uma enorme colaboração para o entendimento das economias subdesenvolvidas descrevendo não somente suas diferenças históricas e estruturais mas também os entraves para a superação do subdesenvolvimento.

Celso Furtado inicialmente estudou a teoria clássica do desenvolvimento econômico com a pretensão de buscar soluções para o caso latino-americano, principalmente o brasileiro, porém logo compreendeu que se fazia necessário elaborar uma teoria que compreendesse as especificidades econômicas das nações latino americanas. Foi nesse período que se encontrou com os estudos de Raúl Prebisch³, no qual o autor contextualizava o mundo econômico entre estruturas desenvolvidas que são países que dominam a produção tecnológica e que seriam o centro do capitalismo moderno e os chamados subdesenvolvidos que seriam a periferia desse sistema aonde se formava uma estrutura importadora e dependente da estrutura tecnológica e predominantemente exportadora de matérias primas para os países centrais. Essa dependência da estrutura tecnológica se apresenta nos problemas de crescimento das economias subdesenvolvidas conforme Furtado descreve:

O crescimento de uma economia desenvolvida é, portanto, principalmente, um problema de acumulação de novos conhecimentos científicos. O crescimento das economias subdesenvolvidas é, sobretudo, um processo de assimilação da técnica prevalecente na época. (FURTADO, 2009, p. 85).

Dentro dessa contextualização o autor entendeu que a articulação de um pensamento para o desenvolvimento econômico dos países periféricos apresentava uma nova abordagem teórica, pois demonstrava que os entraves econômicos das economias periféricas eram totalmente distintos quando analisávamos as estrutura das econômicas destes países e verificávamos que as economias subdesenvolvidas possuíam capacidade limitada de ofertar bens industriais através da combinação de fatores de produção e técnica absorvida:

Desperdiça-se um fator (mão de obra) porque outro é insuficiente (capital). Dessa forma, a produtividade média de um conjunto de fatores em uma economia subdesenvolvida é menor do que seria de esperar se observarmos a utilização desses fatores nas economias desenvolvidas. (FURTADO, 2009, p. 85).

³ El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas, 1949

A partir dessa consideração pode-se afirmar que os países que tiveram maior capacidade de acumulação prévia seriam aqueles que estariam na vanguarda técnica, pois sua capacidade de combinar fatores de produção, capital e trabalho, foi mais robusto e com isso a produtividade do trabalho foi maior. Importante frisar que neste percurso esse era o diagnóstico cepalino que colocava como grande entrave da economia subdesenvolvida a acumulação de capital e a partir desse diagnóstico Celso Furtado se propõe a investigar a história para entender o motivo de porque algumas estruturas conseguiram a acumulação e outras não.

Do ponto de vista histórico e tomando as sociedades mais antigas como referência, a maneira com que os grupos minoritários encontraram para absorver os excedentes produtivos foram através da barbárie, principalmente através da escravidão. Sendo essa a base de um processo de apropriação do excedente gerado, pois os escravos necessitavam somente de algo menor que a subsistência nessa estrutura. Isso pode ser observado em todo o processo histórico da sociedade. Em outras palavras, a escravidão foi a maneira pela qual os grupos minoritários encontraram para se apropriar da acumulação de capital e com isso reter os excedentes de produção.

Podemos observar desde os períodos econômicos mais primitivos até a formação dos Estados Nações que a acumulação de capital quando alocada em aumento de consumo e sua inversão para obras improdutivas, temos em algum momento um ponto de saturação que acabou por se inverter em aumento da produtividade. Com os adventos comerciais na transição do período feudal para um mundo comercial e mais tardiamente para o mundo capitalista, o modo de produção das mercadorias ocuparia a preocupação central desse sistema. Nas palavras de Furtado: “O ponto da pesquisa empírica e a ideia de explicação do mundo com o norte cultural. A partir da revolução industrial o impulso do espírito humano se incorpora aos elementos motor do sistema econômico”. (FURTADO, 2000, p. 175).

A formação econômica dos países subdesenvolvidos principalmente na América Latina detinham uma característica de colonização de exploração em um sistema denominado *plantation*, no qual sua particularidade enquanto sistema econômico estava baseado na monocultura, trabalho escravo em largas extensões de terra. No caso brasileiro esse modelo econômico se arrastou até meados do século XX.

Dentro da dinâmica social a ocupação das novas terras criou uma estrutura híbrida em que se estrutura nessas regiões um comportamento capitalista de um lado e outro a continuidade do sistema pré-existente, ou seja, a subsistência. Nas entranhas desse sistema econômico estava a total desarticulação de uma tentativa de progresso produtivo, mas sim, o total aprofundamento da dependência externa. Essa caracterização define o subdesenvolvimento, que nas palavras de Furtado: “O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual

tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram o grau superior de desenvolvimento”. (FURTADO, 2009, p.161).

Isso demonstra para Furtado que a condição subdesenvolvida detém especificidades de sua formação e essa estaria condicionada a uma lenta inserção da população no sistema econômico, ou seja, o processo de criação de uma demanda endógena detinha entraves estruturais. Quando se observa o desenvolvimento em seu processo histórico para as economias desenvolvidas observa-se uma etapa do progresso técnico, como exemplo a mecanização agrícola. Quando observamos a estrutura subdesenvolvida podemos dizer que o avanço tecnológico é pautado de maneira não etapista, mas brusca, ou seja, a formação dessa estrutura econômica possui um descompasso entre a capacidade produtiva quando comparado ao padrão de demanda. (FURTADO, 2009, p.177).

Colocado as questões históricas do desenvolvimento e do subdesenvolvimento percebe-se que existe uma tendência estrutural de um capitalismo dependente para os países periféricos e essa dependência no campo econômico se apresenta como relação tecnológica e seu impacto na produtividade. Conforme tratamos anteriormente uma das principais questões da teoria do desenvolvimento econômico está na acumulação de capital e a maneira que está exercem a condição de inversão da acumulação para a produtividade. Celso Furtado passou a observar que essa orientação de diversificação que ocorreu pela acumulação tem uma característica muito peculiar nas estruturas periféricas, pois havia uma tendência de acumulação de capital por parte de uma minoria da sociedade, porém com maior nível de renda, em não realizar uma inversão produtiva, mas sim, uma ampliação do seu consumo que não alcançavam um ponto de saturação como nas estruturas mais arcaicas, conforme observou Furtado:

O desenvolvimento “periférico” passa a ser, orientado, a diversificação (e a ampliação) do consumo de uma minoria cujo o estilo de vida é ditado pela evolução cultural dos países de alta produtividade e onde o desenvolvimento se apoiou, desde o início, no progresso tecnológico. Mais precisamente: o principal fator causante da elevação da produtividade na economia periférica industrializada parece ser a diversificação de padrões de consumo das minorias de altas rendas, sem que o progresso tenha necessariamente repercussões nas condições de vida da grande maioria da população. (FURTADO, 2000, p. 257).

Esse ponto que o autor denomina de capitalismo dependente, vai no sentido de quanto mais haja progresso e diversificação das formas de consumo para os países desenvolvidos, mais os grupos minoritários das estruturas subdesenvolvidas vão ter tendências a realizar concentração de renda, para acompanhar o padrão de consumo da estrutura desenvolvida. A partir disso, se insere a ideia de que a dinâmica da estrutura subdesenvolvida é a busca pelas novas formas de consumo “imitando” – mimetismo – os padrões de consumo dos países desenvolvidos, o que aprofundaria ainda mais o processo de dependência da periferia ao centro do capitalismo.

À medida que se foi compreendido o subdesenvolvimento é a manifestação de complexas relações de dominação-dependência entre povos, é que tende autopropetuar-se sob formas cambiantes, as atenções tendem a concentrar-se no estudo dos de poder e suas raízes culturais e históricas. Assim, dotar-se de centros nacionais de decisão válidos - o que muitas vezes pressupõe amplos processos de reconstrução social - passou a ocupar o primeiro ano das preocupações dos povos dependentes. Essa tomada de consciência da dimensão política da situação do subdesenvolvimento constitui em si mesma um novo e importante dado do problema. (FURTADO, 2000, p. 265).

Esse trecho deixa claro que a formação dominação-dependência que Furtado se vale, está ligado no sentido de que a apresentação dos problemas do subdesenvolvimento está de forma dual: por um lado você tem problemas de baixa acumulação prévia de capital, que ainda está organizado e baseado na concentração de renda onde se reafirma o conteúdo de baixa produtividade; e por um outro lado a estrutura sócio-política dos países subdesenvolvidos são derivados e representados por uma baixa capacidade de organização.

Estruturado essas concepções temos dois apontamentos importantes: o primeiro deles é de que o subdesenvolvimento não é uma etapa do processo do desenvolvimento, ele é consequência desse processo e o segundo é de uma percepção que o mundo desenvolvido domina as inovações tecnológicas e o subdesenvolvido é também dependente desse processo e com isso o mundo desenvolvido tem um papel central de fornecimento de tecnologia dado a fraqueza na produtividade da relação capital-mão de obra, com isso as matrizes de consumo são ditadas ao seu ritmo de inovação. Isso posto, fica-se claro que o mundo desenvolvido pode exercer uma pressão não somente econômica no mundo subdesenvolvido, mas também sociocultural por fazê-lo buscar a demandar aqui que de melhor é ofertado no mundo das mercadorias sem deter uma renda compatível a tal mundo.

A problematização da estrutura subdesenvolvida é de que ela é de uma baixa tecnologia, ou em outras palavras, menos produtivas que os países de centro e com isso as minorias que realizam a acumulação do capital precisavam ser cada vez mais concentradora da renda para poder acompanhar as relações de consumo dos países centrais. Nessa questão Furtado fez uma observação sobre a essa tradição concentradora:

O comportamento dos grupos que se apropria do excedente, condicionado que é pela situação de dependência cultural bem que se encontrou, tende a agravar as desigualdades sociais, em função de avanço na acumulação. Assim, a reprodução das formas sociais, que identificados com o subdesenvolvimento, está ligado a formas de comportamento condicionados pela dependência. (FURTADO, 1983, p.82).

Conforme colocado anteriormente, o que se conclui com todo esse processo histórico é de que a gênese do subdesenvolvimento é a acumulação de capital e a concentração de renda que se propaga principalmente por uma característica cultural das sociedades em tentar reproduzir uma cultura material estruturas centrais. Isso posto, Celso Furtado denomina a teoria do desenvolvimento econômico como um “mito⁴” para as economias subdesenvolvidas, pois sua contextualização não propunha soluções para os problemas culturais que essas economias subdesenvolvidas enfrentam e a partir dessa afirmação o pensamento furtadiano se lança à jogar luz sobre a dependência do subdesenvolvimento naquilo que ele denominou civilização industrial e a importância que a cultura exerce sobre o processo de desenvolvimento e acumulação capitalista.

- A dimensão cultural do desenvolvimento: Criatividade e Acumulação

Considerando que a busca pelo excedente produtivo teve como resultado o início do processo de acumulação e essa se transforma na medida em que ocorre o processo de desenvolvimento da civilização industrial, cabe destacar a importância que a inovação e o desenvolvimento de técnicas produtivas exerceram sobre o processo de expansão capitalista das sociedades centrais.

Assim, a descoberta da rota das Índias pelos portugueses em fins do século quinze, baseou-se em consideráveis investimentos na ciência e na técnica da navegação de longo curso, na técnica da construção naval, no levantamento cartográfico de extensas áreas, na formação de pessoal altamente especializado. (FURTADO, 1978, p.33).

Essa descrição criativa está na inserção da escola de Sagres, que data os meados de 1440⁵, embora inicialmente a cerca de três séculos anteriores a revolução industrial e um século anterior a revolução científica. O que interessou a Furtado, foi que o pleno investimento na criatividade fez com que a Europa ampliasse suas linhas comerciais e mais tardiamente em expansões continentais, fazendo com que as diretrizes do mundo, antes isolado, partisse de um “centro de comando”, que se tornava a Europa do século XVI. (FURTADO, 1978, p.34).

Essa transformação social europeia se conectou com a busca do excedente de produção, porém, ainda não pela modificação da estrutura de produção, mas sim pelo exercício de dominação social que mais tardiamente culmina na chamada revolução burguesa, que justamente começou a assumir o protagonismo do avanço social na busca pelos excedentes produtivos. (FURTADO, 1978, p.36). A partir do momento em que uma sociedade tem como meio a busca cada vez mais incessante da ampliação do seu excedente e que o grupo com o objetivo-fim tem nesse propósito não somente o

⁴ Em referência a obra, “O mito do desenvolvimento econômico, 1974 do próprio autor.

⁵ ALBUQUERQUE, Luís de «Escola de Sagres», *Dicionário de História de Portugal*. Dir. de Joel Serrão, Vol. III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp.716-717.

ferramental do ponto de vista econômico, mas também agora institucional, tem-se uma mudança de paradigmas dessa sociedade. (FURTADO, 1978, p.37).

Dentro da organização da sociedade, a terra e o trabalho, sempre tiveram posições definidas nas estruturas sociais de poder, o camponês trabalhou nas terras do império, o senhor feudal “abrigou” os servos em sua terra, o rei “permitiu” que os trabalhadores utilizassem sua terra, ou seja a retenção do excedente, como observamos, sempre foi realizada via apropriação do fruto do trabalho de alguém que não detinha a propriedade. Nessa nova estrutura social, agora o novo protagonista desse no sistema econômico é o capital, que dentro dessas categorias de produção, é o componente que pode potencializar essas duas categorias. Esse capital não somente se apresenta pela acumulação mas também pela criatividade, não somente por um capital social mas também por um capital intelectual, que, a partir de então, vai transformar dar origem naquilo que Celso Furtado denominou como “civilização industrial”.

O capital intelectual dentro dessa nova sociedade estaria ligado a criatividade, que sempre esteve ligado ao fenômeno da arte, porém, nessa nova estrutura se direcionando para a esfera da produção. Essa criatividade orientou o trabalho a ser dividido quando inseriu a lógica de simplificação de tarefas, quando colocou à disposição novas ferramentas de trabalho, ela de fato reorganizou a estrutura social dos meios de produção. Furtado entendeu que: “A revolução industrial confundiu-se com a fixação definitiva dessa nova ordem social, na qual não somente a força física, mas também a capacidade intelectual do homem tende a subordinar-se crescentemente a critérios mercantis. (FURTADO, 1978, p.38-39).

Conforme Furtado colocou, a busca pela acumulação sempre se fez presente na estrutura de dominação social, como as pirâmides do Egito, a muralha da China e mais tardiamente na Revolução Burguesa, ainda que, no caso da revolução dito burguesa, a esfera de acumulação estava ligada a dominação pela produção (FURTADO, 1978, p.40). A partir de então, temos duas alterações estruturais: a primeira delas foi que a acumulação antes usada para um consumo conspícuo e após seu ponto de saturação se invertia em infraestrutura – as estradas do império romano é uma possível exemplificação – agora, nessa nova estrutura social, a acumulação estaria invertida diretamente a produção para que essa possa aumentar a capacidade de gerar excedente; a segunda é que essa busca por cada vez mais excedentes aprofundou as relações criativas com a produção, por exemplo com a inserção da ideia de divisão do trabalho. (FURTADO, 1978, p. 47).

Com esse novo sistema baseado na produção, o desenvolvimento das forças produtivas se basearia na acumulação, que faria uma dupla transformação que vai da utilização dos recursos da produção ao comportamento do ser social. Furtado observa que: “Existe, portanto, nas sociedades surgidas a partir do capitalismo industrial, uma relação estrutural entre o grau de acumulação

alcançado, o grau de sofisticação das técnicas produtivas e o nível de diversificação dos padrões de consumo dos indivíduos e da coletividade. (FURTADO, 1978, p.41).

A partir da modificação do plano de produção se estruturou uma nova conjuntura social que se baseia na intersecção da acumulação do conhecimento com a acumulação do capital. Essa nova estrutura a qual Celso Furtado denominou de civilização industrial, vai se utilizar do sentido material-criativo, ou seja, a inovação possui uma característica de inventividade técnica. Dentro desse aspecto que tratamos anteriormente, a capacidade criativa estaria a serviço de criar padrões. (FURTADO, 1978, p.83).

A nomeação do que se chamou material-criativo detém uma importância fundamental no sentido do avanço do progresso técnico, mas conjuntamente a esse avanço a estrutura social se modifica conforme Furtado coloca:

Mas, na medida em que se transforma em atividade ancilar da técnica, reduz-se o seu escopo como experiência fundamental humana. Algo similar ocorreu com a criatividade artística, progressivamente colocada a serviço do processo de diversificação do consumo. (FURTADO, 1978, p.84).

Percebe-se que a capacidade da criação material, também detinha um contexto que a progressão cultural ficava cada vez mais suprimida. Todas essas questões se remetem a um processo que se denomina como atrofiamento da reflexão das questões humanas, para um hipertrofiamento dos instrumentos transformadores, não mais de reflexão, mas sim de transformadores de coisas - leia-se mercadorias. Essa particularidade de padrão de criatividade-material é inerentemente a criação da economia capitalista e ela tem uma dupla condição de inovação e difusão. Essas foram as principais palavras dessa nova civilização: a primeira delas, está onde que os processos de inovação demandariam inicialmente um público; em sua segunda, está na difusão dos valores culturais principalmente na lógica do consumo. Em outras palavras, se traçaria um perfil econômico onde um consumo homogêneo da sociedade é condição base para o sucesso deste novo sistema. (FURTADO, 1978, p.84).

O alcance do desenvolvimento é muito maior do que a plena criação de excedente, se o desenvolvimento é buscado pelo ser-humano e este ser tem uma capacidade criadora ilimitada, então logo o desenvolvimento também tem um traço mutável dentro de uma relação social, dentro da identidade cultural de uma comunidade⁶ e essas relações vão lograr o comportamento futuro do processo criativo. (FURTADO, 1978, p.82).

⁶ O teatro, ao permitir aos gregos aprofundar sua identidade cultural, penetra nas raízes míticas do subconsciente coletivo, em enriqueceu-lhes as vidas ao nível da visão do mundo e do conhecimento de si mesmos. FURTADO, 1978, p. 82.

As culturas mais primitivas sobrepujam as outras de um modo militar, ou seja, a pressão violenta suprime essas, porém, na gênese da chamada civilização industrial estariam que os valores culturais seriam suprimidos por um processo de homogeneização cultural onde as nações mais avançadas tecnologicamente controlariam os rumos culturais da sociedade. A produção lograria, uma importância não somente em gerar excedentes e acumulações, mas como característica de padrões culturais e hábitos de consumo. Como Furtado observou:

Na medida em que a criatividade é posta a serviço do processo de acumulação, os meios tendem a ser vistos como fins, produzindo-se a ilusão de que todo avanço da “racionalidade” na esfera econômica, contribui para a liberação ou “desalienação” do homem. (FURTADO, 1978, p. 85).

A criatividade humana estaria nesse processo a serviço do processo de acumulação, onde a ciência e a tecnologia melhor satisfazem essa exigência. A percepção desse processo estaria pautada na dita civilização industrial, porém precisamos investigar como a estrutura subdesenvolvida se insere nessa nova lógica social.

- Do subdesenvolvimento criativo à dependência: Transnacionais, Oligopolização e Padrão de Consumo

A partir da contextualização da técnica como nova protagonista desse sistema e retomando o contexto de formação econômica do subdesenvolvimento, podemos dizer que seu ingresso dentro do sistema econômico foi tardio em sua concepção de produção mas não como participante desse sistema. Esse ingresso tardio vai produzir duas outras formações: no primeiro a acumulação se faz com que houvesse uma busca pelo progresso técnico, a outro modernizar-se o padrão de consumo e acumulasse fora da produção.

Considerando as características das economias periféricas, podemos dizer que essas procuram adquirir a capacidade técnica das economias centrais e essa tentativa se materializa por meio da atividade do setor primário, isto é, ocorre com o intercâmbio comercial de produtos primários. Essa diretriz comercial detém um único fim, que é a possibilidade de adquirir os produtos dos países capitalistas já desenvolvidos. Portanto, essa é uma questão essencial pois, mesmo que se perceba uma diversidade, a unidade de processo industrial ainda persiste. Conforme Furtado observou: “Essa situação engendra uma dependência cultural que afeta em graus diversos todas as economias nacionais que se empenham em reduzir a “brecha” que as separa das que lideram o processo de acumulação”. (FURTADO, 1978, p. 94).

Na civilização industrial, o atraso criativo das economias periféricas faz com que essas simplesmente tentem acompanhar os processos produtivos já criados, isto é, a dependência do

processo produtivo faz com que os padrões de consumo do mundo periférico tentem a se assemelhar aos de centro. O principal fator explicativo para essa situação é justamente o fato de que as grandes empresas nas economias centrais, possuem um nível de acumulação prévio que permitem inovação e criação de novos produtos de tal forma que os países periféricos se perpetuam como consumidor das inovações. Neste sentido, os países de “Terceiro Mundo” estão expostos a um processo de dominação econômico nesta nova civilização industrial, conforme Furtado descreve:

O empenho visando a estender as áreas de dominação e a resposta que o mesmo provoca – despertar das nacionalidades, movimentos sociais liberatórios – são aspectos do processo global da difusão da civilização industrial, a qual tende a tecer laços de interdependência entre todos os grupamentos humanos. Para escapar à dominação externa foi necessário antecipar-se no esforço de assimilação, ainda que parcial, das técnicas da civilização industrial. Libertar-se dessa dominação, que tenderia a assumir formas cada vez mais sutis no campo econômico, é a difícil tarefa que atualmente enfrentam os povos que se identificam como pertencendo a um Terceiro Mundo. (FURTADO, 1978, p.41-42).

A integração do mercado internacional fez com que as estruturas de baixa especialização tendesse a tentar o salto para o modelo industrial, pois ali se encontraria os produtos de alto valor agregado. Porém, essa transição teria de ser realizada pelos trabalhadores que estão saindo do setores de subsistência relacionados atividade primária, onde se começou a ter acesso aos mercados do chamado primeiro mundo. Como Furtado observou essa característica: “Transplanta-se assim, os padrões de comportamento surgidos da civilização industrial para as sociedades em que não havia penetrado as técnicas produtivas em que assenta essa civilização. (FURTADO, 1978, p.46).

A ideia do desenvolvimento comporta ambiguidades ainda maiores quando a consideramos no quadro da difusão da civilização industrial. Em muitas regiões a *modernização* também significa *ocidentalização*, ou seja, o deprecimento de sistemas de cultura⁷ cujo valores nem sempre encontravam adequados substitutivos. (FURTADO, 1978, p.59). Esse traço, que Furtado chamou de *ocidentalização cultural*, é muito importante para entendermos que do ponto de vista histórico, quanto mais a civilização industrial avançou nos planos de consumo das sociedades, mais essas foram se afastando de sua identidade nacional, ao ponto em que as relações de consumo passaram a ser determinadas por uma percepção global ditada a partir dos padrões definidos pelos países centrais. Enquanto em um se acumulou e se inverteu em produtividade, em outro, houve uma modernização do processo de consumo que se deu através de uma acumulação prévia não produtiva, em outras palavras, através da concentração da renda, que não é invertida em produção. Essa simbiose acaba

⁷ Desta perspectiva vê-se com clareza que, no Japão, *desenvolvimento* significou a assimilação dos valores materiais da civilização industrial em função de um projeto de afirmação nacional. As estruturas sociais evoluíram sem ruptura do quadro tradicional de dominação, o que explica como a empresa típica japonesa é fundamentalmente distinta da empresa capitalista ocidental. FURTADO, 1978, p.60

transformando o sistema produtivo e as relações sociais que o cercam, ou seja, toda a sociedade. Temos um atrofamento produtivo ao mesmo tempo que ocorre uma sobreposição da identidade nacional pelo valores de mercado externos.

A introdução da civilização industrial evidencia que a estrutura de reprodução de um padrão de consumo está no cerne da condição de dominação econômica por parte dos países centrais, pois para que se mantenha sua estrutura do chamado bem-estar social, necessariamente o centro precisaria não somente de um mercado consumidor mas também da incorporação de mão-de-obra mais barata de seus produtos, com isso, as transnacionais se instalam e constroem seu processo produtivo nos países periféricos. Neste sentido, Furtado afirma que “está é a razão última que faz da expansão na direção das áreas periféricas uma condição necessária à estabilidade social nos países centrais”. (FURTADO, 1978, p. 103).

Os Estados que anteriormente aparentavam ser rivais econômicos, agora se alinham em um processo de uma articulação plurinacional, no qual suas decisões logram os rumos tecnológicos do mundo e se articulam para criar o que Furtado denominou como homogeneização dos padrões de consumo. O fenômeno típico da civilização industrial estaria nessa característica de economias centrais exercendo pressão econômica, através da grande empresa. Essas grandes corporações, deteriam um papel central nessa sociedade. As chamadas transnacionais exerceriam uma forte pressão externa, porém só o faz os que estivessem bem posicionados nacionalmente, essa característica é crucial na grande empresa, pois ela padroniza em certa medida o mercado doméstico e a partir disso, buscaria o êxito no mercado externo. (FURTADO 1978, p. 95).

A essa chamada grande empresa podemos retomar a condição de captura e retenção do excedente econômico, por meio do fomento de um consumo de bens e serviços que vão tentar designar um padrão de consumo cujo os países líderes em inovação tecnológica se inserem nas estruturas internas dos país periféricos. A partir disso acontece mudanças estruturais que podem ser colocadas em dois pontos na ótica do entendimento da grande empresa; a primeira delas é a perda das formas tradicionais de luta de classe; e a segunda está no declínio da ideia de um Estado como capacidade de impulsionar o sistema econômico. (FURTADO, 1978, p.99).

Essa constatação apresentada por Furtado ainda na década de 1970 se apresenta de maneira ainda mais evidente nos dias atuais, principalmente quando verificamos o avanço dos princípios neoliberais para estruturas subdesenvolvidas nas quais se introduz ideias de relaxamento de políticas públicas, venda de empresas públicas para o capital estrangeiro e abertura descontrolada de mercados para a livre competição externa. Como se não fosse o suficiente ainda verificamos a subtração da rede de proteção dos trabalhadores assalariados e consolidação de um Estado baseado em um frágil “*laissez-faire*” para o mercado interno ser efetivo, com isso se negligencia a história socioeconômica dos países subdesenvolvidos e seus entraves estruturais.

- Cultura, identidade nacional e desenvolvimento econômico

A partir da análise de Furtado sobre a engrenagem do subdesenvolvimento, a importância da cultura se destaca e passa a ser considerada como mais um dos fatores explicativos para o desenvolvimento de alguns países, assim como pode ser considerada um ponto chave para dar condições de superação do subdesenvolvimento. Isso posto, a ideia de Furtado está em investigar como fazer a criatividade se conectar com a técnica, não somente por um intercâmbio exógeno de aperfeiçoamento técnico, mas também endógena de transformação. Neste sentido, Furtado questiona: “como apropriar-se do *hardware* da informática sem intoxicar-se com o *software*, os sistemas de símbolos importados que com frequência ressecam nossas raízes culturais? (FURTADO, 1984, p.31).

Devemos refletir sobre como de fato construir essa interseção da capacidade criativa com a técnica sem que essa não retire os traços culturais identitários de uma sociedade. Para isso, o processo de criatividade cultural deve ser estimulado não apenas como logrador de criação de materiais para consumo ou exclusivamente para que seja colocada no ciclo produtivo, mas também para que seja estimulado a se indagar sobre problemas sociais inerentes ao contexto de qualquer sociedade. Dentro dessa perspectiva, deve-se dar espaço as especificidades inerentes em cada região para que se permite o estímulo ao processo de desenvolvimento. Pensando na perspectiva brasileira, onde temos um país continental e cada região com suas especificidades econômicas, geográficas e principalmente culturais, devemos considerar que essas diversidades fazem a sua tamanha riqueza cultural como também evidencia o potencial crítico nacional. (FURTADO, 1984, p.46).

Neste cenário, cabe ressaltar que a universidade ocupa papel central não somente como espaço de reflexão e construção do saber mas também como ferramenta de estímulo das potencialidades individuais dos cidadãos. Podemos dizer que na Universidade que ocorre a materialidade plena de um espaço onde a criatividade pode e deve ser estimulada. Nesse contexto a instituição possui duas características centrais: a primeira delas é ser difusora de conhecimento, onde estes serão abertos a um novo horizonte de ação pelo estímulo da criatividade; em uma segunda característica está a racionalização do espaço de uma ordem social, onde ela incorpora as questões já estabelecidas dentro de uma sociedade. Dentro dessas colocações a universidade é criativa a partir do ponto que ela permite ser difusora do novo, dar perspectiva a criatividade e estimula-la. A criatividade será o motor da inovação e quanto mais a universidade está conectada com a identidade e as perspectivas da sociedade onde ela está inserida, mas ela terá a capacidade de cumprir o seu papel social. (FURTADO, 1984, p.60).

A partir disso, se reforça o papel da universidade não somente na formação do cidadão, mas como uma política pública de estimular a criatividade. E esse estímulo deve ser cada vez mais inclusivo do ponto de vista de ser para todos e expansivo na característica de tornar sólido as ideias.

Nessa relação está a transformação do eixo técnico do desenvolvimento, que para Furtado está em dois pontos:

O primeiro diz respeito a técnica, ao empenho do homem de dotar-se de instrumentos, de aumentar sua capacidade de ação. O segundo refere-se à utilização última desses meios, aos valores que o homem adiciona ao seu patrimônio existencial. (FURTADO, 1984, p.107).

A partir dessa contextualização vemos o Estado como vetor de uma ideia de política pública para que possamos chegar ao desenvolvimento. E aqui é importante salientar que a afirmativa anterior é a reafirmação de um papel do Estado na ideia de contribuir com a reunião de ideias e espaços de debates que demonstram a importância da criatividade na ciência e tecnologia como suporte ao desenvolvimento e não a negação da mesma.

A política cultural deve ter como base de expressão a oportunidade de que floresça a criatividade de uma sociedade. O ponto de partida desse pensamento está na inserção de cada vez mais pessoas no contexto cultural e que essas possam acessar esses bens ditos culturais. Esse acesso está no centro da proposta de uma política cultural, porém esta deve ser bem direcionada, pois, ao mesmo tempo que pode ser fator de avanço da criatividade, se mal direcionada também pode ser fator de inibição da mesma. Quando falamos de bens culturais podemos pensar no tangível como o artesanato e o intangível como a representação de uma peça. O acesso a bens culturais, não deve ser “apenas” ferramenta de um mercado possível, mas sim, uma intersecção entre a ampliação da capacidade criativa e da inserção de todas as camadas sociais a cultura nacional. (FURTADO, 2012, p.41).

Conforme observamos nas obras de desenvolvimento econômico, a acumulação tem uma característica muito importante dentro dessa temática, porém, Furtado com o passar do tempo, pontua que nesse processo da acumulação, caso não vigorasse uma política cultural, poderia-se construir o ponto de interrupção da identidade nacional. Isso poderia se apresentar em algo que tratamos anteriormente sobre a homogeneização dos padrões de consumo, que cada vez mais tem se conectado entre as culturas. A partir desta visão o Estado deveria como papel fundamental na política cultural, pois, assim a memória e o patrimônio cultural seriam preservados, o senso de identidade cultural e o estímulo da criatividade serão determinantes para um pleno desenvolvimento da sociedade. (FURTADO, 2012, p. 66)

Furtado expõe que a política cultural passava por duas características: a primeira delas é de que a criatividade esteja em plena liberdade de criação, ou seja, que ela possa deter não só a liberdade de expressão, mas também liberdade criativa; a segunda delas que vai ser o suporte a primeira, está em que o Estado, assegure as matrizes sociais básicas, como o nível de emprego e cada vez mais, a

correção de problemas estruturais da sociedade como a questão da concentração da renda. (FURTADO, 2012, p.103).

Dentro do plano cultural as raízes do subdesenvolvimento foram inseridas por meio da importação de cultura, onde houve um processo também de homogeneização dos padrões culturais que pressionavam a identidade nacional. Isso não corrobora para um cerceamento do intercâmbio cultural, porém está relacionado a perda das raízes identitárias para o padrão global de cultura.

Com essas condições postas, se faz cada vez mais importante uma política cultural, que tenha no centro de sua discussão a valorização da identidade nacional. Existem fatores histórico-culturais que propagam essa desidentificação nacional, que num primeiro momento faz parte da aproximação da cultura identitária, porém, mais tardiamente foi corroendo as expressões culturais. A esse fenômeno o autor colocou a urbanização no centro dessa discussão. A urbanização tardia em certa maneira fez com que a relação entre as classes sociais fosse mais próxima. Os mesmos de certa maneira ocupavam o mesmo espaço social, como festas tradicionais. Furtado observou esse processo e destacou que: “Basta ver que a criatividade do mundo pré-urbano se manifesta em templos, rituais e festas a que têm acesso todas as camadas sociais. (FURTADO, 2012, p.93).

Celso Furtado como um intelectual que forjou uma das grandes interpretações da formação brasileira traz que o percurso econômico do mundo vai direcionar de certa forma a identidade nacional. No tocante a essas teses invariavelmente não podemos nos esquecer que a cultura brasileira nasce de uma intersecção entre uma cultura europeia, indígena e africana e essas duas últimas com uma grande força, sendo que no campo artístico se propagou pela múltipla-diversidade cultural desses povos que caracteriza em grande medida o que hoje entendemos sobre a arte brasileira.

Partindo desta colocação as grandes navegações portuguesas incentivadas e de certa forma patrocinadas pela coroa da dimensão da prerrogativa do Estado na descoberta, ocupação e manutenção das terras brasileiras. Apesar de se encontrarem em menor número, os portugueses exerciam de uma influência no modo de ser, mais representativo do que os indígenas e africanos. Isso se apresenta onde que a posição portuguesa era de exercício de autoridade. As raízes culturais portuguesas estavam de certa forma mais vivas do que as indígenas e africanas que ficavam no limiar de suas matrizes culturais e privados de sua memória histórica, fazendo com que seus costumes fossem se padronizando as necessidades cotidianas. A influência europeia no mundo como um todo se desencadeava via comércio marítimo, ou seja, as tendências culturais se apresentavam via mar, no comércio entre as nações. (FURTADO, 2012, p.36).

A utilização de vestidos de corte e peruca nos verões cariocas no Brasil colonial demonstram em certa forma, que a demonstração de aparência com o modelo europeu de vivência era mais importante do que os acalorados trajés importados e de certa forma transcendem o período industrial

que em síntese demonstra o quanto o padrão cultural de fora para dentro pode se relacionar com o modelo de consumo.

O barroco brasileiro é a última síntese de uma cultura fortemente europeia e medieval, sendo Aleijadinho seu último expoente. Como Furtado colocou a ruptura cultural brasileira, pós-barroca não se explica por si só, ela deriva de um contexto em que a sociedade estava inserida. Com a revolução industrial do século XVIII, o ponto principal está em que a maneira de acumulação parte agora da produtividade. Dentro desse aspecto, a criatividade está no centro desse novo sistema, porém, agora ela ocupa a capacidade “objetificar” suas criações.

A questão principal dentro dessa cultura criativa nacional é de que ela é a síntese exógena do progresso externo, algo que Furtado denominou como “modernização dependente”, essa concepção aprofundou duas questões principais: a primeira delas está na tentativa de se consumir como os grandes países centrais; e a segunda, que se deriva da primeira, é a concentração de renda. Somente com a concentração de renda se fez possível essa homogeneização. Em certa maneira a síntese cultural brasileira até aqui, é como Furtado descreveu como:

A modernização dependente fez que a ruptura da síntese barroca conduzisse ao bovarismo e não a novo processo cultural criativo, a diferença do ocorrida na Europa com a passagem da visão do mundo medieval para o humanismo. (FURTADO, 2012, p.38).

De fato, o final do século XIX e o século XX se apresentam como o grande marco para a cultura brasileira. Furtado descreveu esse fenômeno da urbanização, que embora tardia, fez em certa instância a conexão entre as diversas camadas sociais. A concepção de uma nova classe média formada nesse contexto urbano se deslocava inicialmente para fazer esse bovarismo da elite nacional, porém, essa acaba fazendo uma intersecção entre essa modernização dependente e as raízes populares que em outras palavras, acaba sendo uma reflexão sobre a busca da identidade nacional. Dentro dessa percepção, Furtado enfatizou que a concentração de renda que não deriva, mas se intensifica nesse período urbano-industrial, será a fuga das elites em conservar esse modelo europeu dependente. A concentração de renda, nada mais do que o verso dessa modernização dependente a qual o Brasil acabou intensificando com o passar do tempo. (FURTADO, 2012, p.39-40).

A superação deste modelo, está direcionado em duas perspectivas principais: a primeira delas, parte de uma vontade coletiva, ou seja, o conjunto da sociedade deve liderar o debate para onde a sociedade deve se direcionar; a segunda está na criatividade política, que será a capacidade de fazer essa intersecção entre a sociedade e a sua identidade nacional. Como Furtado colocou “Ora, essa vontade coletiva requer um reencontro das lideranças políticas com os valores permanentes da nossa

cultura.” (FURTADO, 2002, p.36). Mais do que resolver problemas econômicos estruturais, está em resolvermos uma a questão enquanto identidade nacional.

Na ideia do crescimento do sistema produtivo, faz com que cada vez mais fosse agressivo a natureza, ou seja, a um limite ambiental para o crescimento do sistema capitalista. Com essas questões colocadas, a pergunta que se apresenta naturalmente a nós, é de que forma as economias ditas subdesenvolvidas, vão desacelerar um modelo de crescimento, sendo que essas estão de certa forma no atraso em relação aos países desenvolvidos. Como faremos para que garantir a busca de um desenvolvimento econômico que seja salutar a natureza.

Partindo deste prognóstico, um dos últimos ensaios de Celso Furtado se denomina, “ Busca de um novo modelo (2002), colocando que os desafios de um novo pensamento econômico se encontra em como criar uma perspectiva econômica, em que esteja inserido as concepções do desenvolvimento econômico, balizado no aumento do bem-estar social, sem que esse crescimento seja destrutivo para a natureza e a identidade nacional.

A importância dessa síntese cultural está no fato de que cada vez mais o avanço tecnológico, onde países desenvolvidos estão na vanguarda desse processo tendem a diversificar cada vez mais os padrões de consumo e cada vez mais essa diversificação tem sido mais rotineira e agressiva do ponto de vista ecológico. Em outras palavras, um plano de desenvolvimento econômico que busca romper com esses problemas estruturais, deve ter duas características principais: a primeira delas está direcionado em que se precisa buscar esse modelo de crescimento produtivo, porém observando as condições ambientais, ou seja, não se pode se pregar um modelo de produção desenfreado, que passe por cima das condições naturais; em uma segunda instância e que será o suporte a primeira, está o fator da cultura e da identidade nacional, que é muito maior do que apenas um resgate das nossas raízes, mas também, uma maneira de avançar com a criatividade nacional em vista das necessidades que são as nossas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou abordar o impacto da cultura e criatividade no desenvolvimento econômico da sociedade capitalista global a partir da contribuição de Celso Furtado. Isso posto, demonstrou-se a partir da obra do autor uma perspectiva para compreensão e superação dos entraves do subdesenvolvimento considerando elementos históricos econômicos como também fatores políticos sociais.

Em sua contextualização histórica, o autor investigou os entraves das economias subdesenvolvidas nas quais o diagnóstico inicial seria um problema de baixa acumulação de capital que não se invertia na condição de aumento da produtividade. A partir disso, reafirma-se o papel do

Estado praticando políticas econômicas que estimulassem a expansão da capacidade produtiva e estímulos ao investimento produtivo.

Atuando como homem público e também como teórico dedicado às questões relacionadas ao desenvolvimento latino-americano, Celso Furtado compreendeu que os entraves do subdesenvolvimento estavam para além da perspectiva econômica e também detinha características eminentemente culturais. Furtado observou a característica cultural dos países desenvolvidos e descreveu sua gênese histórica assim como a etapa de acumulação precedida pela ampliação do excedente comercial que se materializou no aumento da produtividade e desencadeou um novo modo de produção e relações sociais no mundo ocidental.

Com esse rearranjo das relações sociais, esse novo modo de produção passou a propagar e difundir, não somente um modelo econômico de produção, mas também de propagação de valores culturais. A partir disso, conclui-se que a criatividade vai exercer influências na dinâmica de produção dos países do centro do capitalismo moderno e além consolidar um novo padrão de acumulação, o processo de expansão capitalista também alterava as relações sociais para um mundo baseado principalmente no consumo de mercadorias cuja padrão é externamente concebido e inserido nas sociedades periféricas.

Através do século XX verificamos a consolidação do processo de transnacionalização da grande empresa capitalista que se inseriu no mundo das mercadorias como vanguarda da sofisticação técnica e da difusão de padrões de consumo. Isso fez com que as economias subdesenvolvidas se tornassem dependentes não somente da estrutura tecnológica, mas também das relações de consumo do mundo desenvolvido. Como as economias subdesenvolvidas possuem baixo nível de capital acumulado e essa acumulação ainda se deu de maneira concentrada por grupos minoritários da sociedade, temos a formação de uma estrutura social altamente desigual cujo extrato da sociedade com maior nível de renda tem a capacidade de reproduzir os padrões de consumo do dito primeiro mundo enquanto a maior parte da sociedade periférica possui uma capacidade de demanda restrita e com baixo potencial de dinamizar a economia.

A consequência deste processo é a consolidação da homogeneização dos padrões de consumo na esfera global de tal forma que as sociedades periféricas aceitam passivamente esse padrão e reproduzem mimeticamente, ainda que não tenham condições internas de produção. Neste sentido, o subdesenvolvimento se reafirma e se amplifica uma vez que os países centrais, por já terem um potencial criativo desenvolvido assim como um nível de acumulação prévio que permite a contínua criação de novos produtos e inovações, estão sempre na dianteira do processo de expansão capitalista e capturando novos mercados na esfera global. As grandes empresas capitalistas tornaram-se grandes oligopólios enquanto as sociedades periféricas continuam exercendo sua função de mercados consumidores cativos dos produtos centrais. Ou seja, mantemos a lógica de inserção dos países

periféricos na estrutura econômica global com fornecedores de bens primários e consumidores de produtos industrializados.

Considerando então que o subdesenvolvimento pode ser visto tanto como resultado de um processo histórico, mas também como um desdobramento cultural, podemos dizer que os desafios para a superação da condição periférica são ainda maiores. Isto é, para além de executar políticas públicas que permitam melhorar substancialmente a distribuição de renda entre os segmentos da sociedade e direcionar os recursos acumulados para a esfera produtiva é também necessário estimular a criatividade da sociedade e reafirmar a identidade nacional para despertar o potencial criativo nacional.

Essa afirmação não se condiciona na ideia de um nacionalismo exacerbado, uma vez que Furtado sempre entendeu que o intercâmbio cultural não é somente benéfico mas também necessário para o avanço das ideias, porém sem uma concepção de identidade nacional seríamos reduzidos ao papel de passivos consumidores de bens culturais concebidos por outros povos, isto é, reproduziremos internamente o padrão de consumo globalmente definido pelas grandes potências comerciais sem antes ter criado condições internas e autônomas de produção.

Dentre as políticas públicas que tem como objetivo reafirmar a identidade nacional e permitir um instrumento de estímulo a criatividade se faz necessário enfatizar a importância da universidade que detém um papel central no desenvolvimento de uma sociedade tanto do ponto de vista científico tecnológico como também na formação dos indivíduos e defesa das liberdades individuais. As ciências e tecnologia, nas suas mais diversas áreas, são condições necessárias para permitir a expansão do universo criativo.

Nas sociedades periféricas, a universidade se coloca como um poder criador, tomando para si a capacidade e a possibilidade da expansão criativa. A universidade detém o “poder criativo”, sendo transformadora de um contexto dado, podendo ser revolucionária no que se refere a essa capacidade de desenvolver o ser-humano, pois como afirma Celso Furtado, só há desenvolvimento quando o ser-humano se desenvolve. Neste contexto a universidade deve ser cada vez mais inclusiva e democrática, cujo acesso a esse espaço criativo deve ser permitido para todos os cidadãos dessa sociedade.

A superação do subdesenvolvimento detém uma base que se condiciona em três frentes; a primeira delas se direciona na articulação da participação da sociedade, ou seja, está na consolidação de um contrato social onde as forças políticas-democráticas se organizem para discutir as demandas da sociedade; a partir disso, precisa-se organizar políticas públicas de estímulo a criatividade e do fortalecimento da identidade nacional para que nos encontrar com nossas raízes. Nesse sentido reforça-se o papel da universidade nesse processo, sendo esta a materialização do espaço criativo; como em todo processo de criação e de busca por excedente a economia vai gerar resíduos, logo toda

política econômica deve estar extremamente alinhada com o meio ambiente, para que além de sua preservação, possamos desfrutar de maior qualidade de vida.

Neste sentido, como reafirmamos neste trabalho, o desenvolvimento é uma ideia muito além da perspectiva material. Uma sociedade desenvolvida deve ter como finalidade gerar bem-estar para a nação garantindo as liberdades individuais dos cidadãos e permitindo a todos executar seu potencial criativo com o devido respeito aos limites ambientais. Isso posto, temos visto nos últimos anos um retrocesso tanto nas esferas econômicas como nos resultados sociais. Cada vez mais na sociedade capitalista vemos a acumulação de capital sendo invertida na construção de “muros” sem nenhum ganho prático que apenas reafirma um processo de segregação social.

Esse retorno de ideias conservadoras tem tido apenas o papel de negar o diálogo em diversas instâncias, inclusive na afirmação do espaço da universidade cujo acesso encontra-se cada vez mais restrito, com baixo estímulo criativo e sob controle dos grandes grupos educacionais apresentando um modelo educacional padronizado sem nenhum compromisso com as especificidades culturais de cada nação. Conjuntamente a esse processo, as liberdades individuais estão cada vez mais sendo cerceadas pelo recrudescimento de valores conservadores que negam a diversidade e o potencial criativo cultural.

Além disso, estamos verificando um processo de obscurantismo e negação da ciência, da validação do saber superficial e imediatista que leva a negação de teses cientificamente comprovadas tais como o aquecimento global, enquanto isso, os crimes ambientais ocorrem constantemente e a preservação de riqueza cultural dos povos originários está cada vez mais ameaçada.

Por fim, o Estado que deveria executar a função de prover as condições de desenvolvimento econômico e intermediar o conflito político, tem sido cada vez mais cooptado por forças políticas que atacam a ideia do bem-estar social e a negação de direitos humanos universais. O avanço das ideias neoliberais aliada com o retrocesso conservador colocam desafios ainda maiores para alcançarmos um desenvolvimento econômico e social, motivo pelo qual se reforça a necessidade de retornar e contribuição teórica de Celso Furtado e continuar apresentando uma contribuição para o entendimento da realidade econômica atual. A tarefa não é fácil, porém foi sobre condições excepcionais que teóricos do nível de Celso Furtado conseguiram pensar excepcionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Luís de **Escola de Sagres**: *Dicionário de História de Portugal*. Dir. de Joel Serrão, Vol. III. Iniciativas Editoriais: Lisboa: 1971.

BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). **Cinquenta anos de pensamento na Cepal**:. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CYPHER, J.M. **The Origins of Developmentalist Theory: The Empirically-Based, Historically-Contextualized Political Economy of Furtado.** Revista de Economia, v. 40, n. 3 (ano 38), p. 7-27, set/dez. 2014. Editora UFPR

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana: formação histórica e problemas contemporâneos.** São Paulo: Ed. Nacional, 1986.

_____. **Criatividade e dependência na civilização Industrial.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Cultura e desenvolvimento em época de crise.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

_____. **Em busca do novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Prefácio a nova economia política.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Teoria e política do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Rosa Freire d'Aguiar Furtado (Org.). **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura:** Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

HOBBSAWM, Eric; **A era das revoluções 1789-1848:** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

PREBISCH, Raúl. **O Desenvolvimento Econômico da América Latina e seus Principais Problemas.** Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 47-111, jul. 1949. ISSN 1806-9134. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/2443>>. Acesso em: 03 Fev. 2019.

RODRÍGUEZ, Octavio; **O estruturalismo latino-americano:** tradução Maria Alzira Brum Lemos. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

O LONGO Amanhecer - Uma cinebiografia de Celso Furtado. Direção de José Mariana, Brasil : Andaluz Produções ,2007. 1 VD (73 min,) - son.,color.